

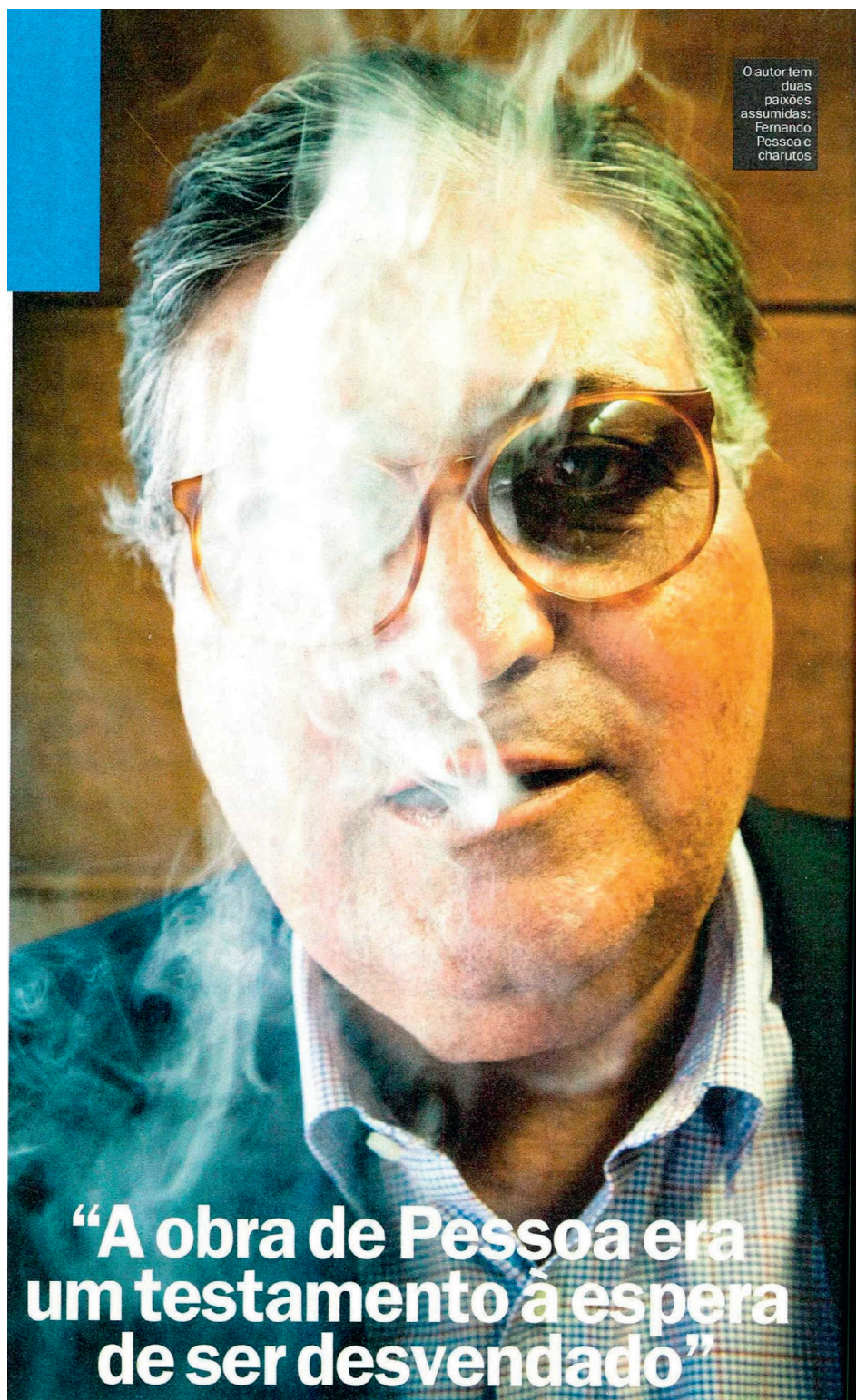


Fernando Pessoa – Uma Quase Autobiografia
José Paulo Cavalcanti Filho
Porto Editora, 25€

Há 46 anos, José Paulo Cavalcanti Filho descobriu Fernando Pessoa e nunca mais esqueceu “o susto”. Tinha 17, 18 anos, e aquilo que ouviu, na voz de João Villaret, era tão e somente “o maior poema do século XX: Tabacaria”. Trinta e oito anos depois, e de tanto ler a obra do poeta, teve uma revelação: “Percebi que a obra de Pessoa era um testamento à espera de ser desvendado. É normal os autores reproduzirem nos seus textos experiências pessoais ou nomes de amigos, mas não há ninguém como Pessoa – Pessoa só fazia isso. Nesse sentido, a vida dele está toda dentro dos textos, só precisava de alguém que olhasse.” José Paulo Cavalcanti olhou, e escreveu *Fernando Pessoa: Uma Quase Autobiografia*.

“Com aspas é ele, sem aspas sou eu”, diz o autor brasileiro, que se serviu das palavras que Pessoa deixou em 30 mil papéis para contar a sua própria vida, desde os brinquedos com que brincava na infância – “uma bola de borracha, um jôquei amarelo, um cavalo azul, soldados de chumbo, barcos de latão e de papel” – aos barbeiros onde ia. “A obra de Pessoa está bem estudada por grandes autores portugueses, mas nunca ninguém se interessou pela sua vida, talvez por ter sido insignificante”, diz Cavalcanti, que veio a Lisboa apresentar a edição portuguesa do livro. “Mas o autor dos textos é um homem que dorme, acorda, almoça e trabalha. Quem era esse homem? Qual era a tabacaria? Quem era o Esteves? Eu sempre quis saber isso e nunca vi em lugar nenhum. Então resolvi

O autor tem duas paixões assumidas: Fernando Pessoa e charutos



“A obra de Pessoa era um testamento à espera de ser desvendado”

Durante oito anos, o brasileiro José Paulo Cavalcanti Filho leu, reuniu e investigou tudo o que podia sobre Fernando Pessoa. O resultado deu uma biografia escrita a meias com o poeta, que já é um sucesso no Brasil. **Ana Dias Ferreira** foi falar com o autor. O retrato é de **Joana Freitas**.

escrever o livro que eu queria ler e não existia.”

Ex-ministro da Justiça e advogado, Cavalcanti teve de assumir, durante “oito anos e mais de 30 viagens a Portugal”, o papel de detective para escrever o tal livro que queria tanto ler. Para apurar de que morreu afinal Pessoa, reuniu uma junta médica para analisar todos os textos que o poeta escreveu sobre doenças. E só para descobrir quem era o Esteves de “Tabacaria”, contratou um historiador para ir aos arquivos do *Diário de Notícias* ler os jornais dos dois anos anteriores ao poema, notícia por notícia, para anotar todos os Esteves que apareciam. “Apareceram três, que pelas idades, profissões e moradas não podiam ser o de Pessoa”, conta Cavalcanti, que garante que foi a “todas as moradas de que Pessoa falava nas cartas, uma por uma”, e assim conseguiu descobrir algumas informações mal

“Quando conto que tentei desenterrar o corpo de Sá Carneiro as pessoas dizem-me que tenho de escrever outro livro sobre a aventura de fazer este.”

copiadas do espólio: “Pessoa não comprava sapatos na sapataria Contexto, porque nunca houve uma sapataria com esse nome, eu fui ver. Ele não comprava roupas na periferia, só comprava no lugar mais caro. Então eu fui da Camisaria Pitta, na Rua do Ouro, até à casa Lourenço Santos, nos Restauradores, e encontrei a maior e mais famosa sapataria de Lisboa dos anos 20: a sapataria Contente. Ele devia ter escrito o ‘n’ de maneira tão trouxe que deu o erro.” Aventuras mais emocionantes também não faltaram, e uma delas está logo no início da biografia, quando o autor, querendo comprovar se era possível ver o Tejo enquanto se ouviam os sinos da Basílica dos Mártires no quarto onde nasceu Pessoa, e ao deparar-se com um segurança que lhe disse que não tinha autorização para o deixar passar, disse: “Por favor, chame a polícia para me prender que, sem sua autorização, estou subindo ao quarto andar.”

“Quando eu conto que fui a Paris tentar desenterrar o corpo de Sá Carneiro para encontrar as cartas que Pessoa lhe escreveu, as

pessoas nem acreditam e dizem que tenho de escrever outro livro sobre a aventura de fazer este”, brinca o autor, enquanto vai fumando um charuto.

Dividido em quatro actos – actos e não partes, como *Mensagem* – Fernando Pessoa: Uma Quase Autobiografia atravessa a vida do escritor desde a infância aos vários heterónimos, de quem se apresenta uma biografia. Os heterónimos são, de resto, um dos campos em que o livro traz novidades, uma vez que Cavalcanti apresenta 127 nomes ao todo, mais 55 do que a especialista Teresa Rita Lopes no livro *Pessoa por Conhecer*. “Teresa Rita Lopes usou critérios muito precisos para definir os heterónimos e eu aqui obedeci absolutamente aos mesmos”, explica o autor. “Descobri mais 55 porque eu tive fontes que ela não teve. Ela diz por exemplo que quem faz poemas ou charadas em jornais é heterónimo, mas não teve acesso a todos. Também diz que quem assina livros na biblioteca de Pessoa, é heterónimo. Eu comprei a biblioteca de Pessoa e tinha outros nomes que não eram os dela.”

Pessoa como uma criança solitária, Pessoa como um homem vaidoso, Pessoa alcoólico crónico, com pavor de trovoadas ou um grande fã de dobrada à moda do Porto – o poeta que surge neste livro é este, muito para além do autor d’*O Livro do Desassossego* ou de *Mensagem*. É também, naquela que Cavalcanti considera ser a grande descoberta desta biografia, o co-autor de um livro que nunca lhe tinha sido atribuído, *Alma Errante*, de um russo, Eliezer Kamenezky, que tinha um antiquário no número 71 da Rua São Pedro de Alcântara, onde hoje está a Biblarte. “Segundo o actual proprietário, o senhor Martins, o russo escrevia uns rabiscos na sua língua materna, nuns papelinhos que guardava numa caixa de sapatos, e quando Pessoa aparecia na loja lia-lhos em português. Passado uns dias, Pessoa aparecia com os poemas prontos, pelos quais recebia 20 escudos. Ou seja, dos 55 poemas de *Alma Errante*, pelo menos 37, que já foram localizados no espólio, são de Pessoa”, conta Cavalcanti. “Eu nem queria acreditar quando descobri e perguntei: ‘senhor Martins, porque é que nunca contou isso?’. E ele disse: ‘porque nunca ninguém me perguntou’, que é uma resposta bem portuguesa.”

*Sob o foco Laurent Gaudé

Não foi a Nova Orleães depois da tragédia do Katrina, mas veio a Lisboa apresentar o romance *Furacão*, que acompanha os dias da catástrofe. Laurent Gaudé, escritor francês com um prémio Goncourt no currículo, falou com a Time Out sobre o seu último livro.

Porquê o cenário do furacão Katrina? Uma história como esta não poderia passar-se em qualquer outro cenário de devastação?

Podia, mas eu escolhi o Katrina porque se tratou de uma dupla tragédia, a natural e a política, esta muito relacionada com as condições sociais do Louisiana. Isso permitiu-me trabalhar o registo da compaixão, mas também o da raiva, motivado pelos problemas sociais.

Para além da devastação, *Furacão* aborda as diferenças sociais. Uma catástrofe natural confirma que não somos assim tão iguais?

Infelizmente, sim. É uma dupla tragédia, porque aquelas pessoas não tinham acesso a coisas tão simples como um carro, dinheiro e, sobretudo, informação sobre o que ia acontecer, quando e para onde podiam fugir. E a informação é capaz de ser o primeiro sinal de riqueza. Foi isso que tornou o Katrina tão impressionante: a América descobriu que tinha subestimado uma fatia considerável da população. Visitou Nova Orleães depois do furacão?

Não, trabalhei sempre a partir de

documentos. Mas tentei ser fiel à cronologia e à geografia da catástrofe. Além do mais, o meu objecto era a Nova Orleães durante o furacão, e essa é aquela viagem documental que não se programa...

A voz de Josephine, narradora, é um pouco a voz da memória recente dos EUA e dos direitos civis. Inspirou-se em alguma personagem histórica?

Não, é uma personagem totalmente ficcional. Para além da dimensão individual, quis que Josephine pudesse encarnar o colectivo, os negros pobres do sul dos EUA, a memória da luta pelos direitos civis. Apesar disso, a ideia para a personagem partiu de uma fotografia da *Paris-Match*, de uma mulher negra, velha, embrulhada na bandeira dos EUA durante a evacuação de Nova Orleães após o furacão.

Uma das questões que o livro coloca é a da fidelidade aos nossos princípios. Acredita ter respondido ou a condição humana continua a ser muito imprevisível?

A minha visão, que espero reflectir no livro, é que em momentos tão terríveis como os de uma catástrofe, a fidelidade aos nossos princípios é a única coisa que nos pode dar força. Se desaparecem as casas, o trabalho, o quotidiano, tudo, temos de nos agarrar a alguma coisa. É também é isso que dá beleza à espécie humana.

A devastação é um território privilegiado para a literatura?

É terrível assumi-lo, mas sim. Sempre separando o escritor do cidadão, que vê a devastação como algo que espera nunca experimentar.

Sara Figueiredo Costa

